

# A nossa dívida: "explosiva".

A opinião é do ministro Maílson da Nóbrega, ao falar na reunião do BID, em Caracas.

O ministro Maílson da Nóbrega, da Fazenda, falando ontem, à 29ª Reunião de Governadores do Banco Interamericano de Desenvolvimento, o BID, em Caracas, resumiu — para um auditório lotado — a situação da economia brasileira:

"O Brasil está empenhado num grande esforço para reduzir os preocupantes desequilíbrios da sua economia, em meio a dificuldades políticas naturais de um processo de transição para a democracia. Ao lado de um enorme déficit público, que é o reflexo de desajustamentos nas finanças públicas, nosso país enfrenta, em todas as esferas de governo, outro problema, de gravidade talvez maior: o da redução dos níveis de poupança, atualmente da ordem de 16,5% do PIB (Produto Interno Bruto), em comparação com cerca de 25%, há alguns anos atrás".

Num outro momento, disse o ministro: "O grande devedor é o setor público, mas quem gera as divisas é basicamente o setor privado. Assim, o serviço da dívida requer uma transferência de recursos, do setor público para o setor privado, com vistas à aquisição das divisas necessárias ao pagamento dos juros. Como o setor público não tem condições de gerar a poupança necessária para esta transferência, o serviço da dívida externa traduz-se assim em aumento da dívida interna".

O crescimento da dívida externa foi qualificado como "explosivo" pelo ministro Maílson da Nóbrega para um auditório que lotou para escutá-lo. "Estamos, pois, diante de um persistente círculo vicioso, que produz instabilidade monetária e dificuldade a retomada do processo de investimento, comprometendo o desenvolvimento econômico e social do País."

Sobre a área externa, ele lembrou que o Brasil está negociando um acordo pluria-

nual e que as próximas etapas são a "busca de apoio" do FMI (Fundo Monetário Internacional), a reabertura de negociações com o Clube de Paris e a "recuperação da confiança dos investidores estrangeiros, a obtenção de novos recursos junto a países industrializados e a preparação do retorno do País aos mercados voluntários de capital. Parte dessa etapa está também relacionada com a recente regulamentação de mecanismos de conversão de dívida externa em capital".

## Sem qualquer pista

O ministro Maílson da Nóbrega partiu de Caracas, ontem à noite, garantindo que as medidas de ajuste econômico para a redução do déficit não serão anunciadas nesta semana, mas, "talvez, na outra". E recusou-se a revelar qualquer mínima pista sobre alguma delas.

O ministro contou, durante um almoço com jornalistas brasileiros, que marcou uma reunião com grupos de trabalho para este fim de semana, em Brasília, disposto a fechar o pacote. "Quanto mais rápido, melhor", ele comentou. Mas quando lhe perguntaram se "rápido" significava a próxima semana, ele respondeu:

"Pode ser que sim, pode ser que não. Talvez."

Aos jornalistas, o ministro Maílson da Nóbrega procurou esclarecer a confusão criada pelas últimas novidades postas à mesa de negociações. Ao acordar, ontem cedo, para um café da manhã com o ministro da Fazenda mexicano, Gustavo Petricoli, ele mostrou-se irritado com as notícias de "impasse" nas negociações, publicadas por jornais brasileiros.

"Não há impasse" — ele declarou. As garantias e o financiamento paralelo que envolvem o Banco Mundial aplicam-se "a uma pequena parcela do dinheiro novo".

Para ele, esses são dois de vários pratos do cardápio de alternativas para os bancos comerciais. Um outro, por exemplo, ao qual ele se referiu ao chegar a Caracas, mas que não voltou mais a mencionar, seria o bônus. Os desembolsos ficam mais fáceis para os bancos associados a projetos, como ele explicou.

O ministro Maílson da Nóbrega gostou de uma imagem que foi construindo ali, na mesa do restaurante: a de que está colando um vaso que partiu em muitos fragmentos, e que o trabalho é muito difícil, quase um quebra-cabeças.

Sobre a existência ou não de negociações para um empréstimo-ponte, até anteontem considerado crucial para que o Brasil continue em dia com o pagamento de juros, a partir de abril, ele nada mais disse. Soube-se, porém, que William Rhodes, presidente do Comitê de Bancos Credores, reclamou que o *The Wall Street Journal* publicou, na segunda-feira, que as negociações estavam concentradas na discussão de um empréstimo-ponte de 1 bilhão e 700 milhões de dólares.

A justificativa para tanta irritação com a informação, de parte da delegação brasileira e dos banqueiros do comitê credor, seria esta: a comunidade bancária internacional não foi ainda avisada a respeito. O ministro continua insistindo que o Brasil precisará de ajuda dos bancos para pagar os juros da dívida a partir de abril.

O ministro Maílson da Nóbrega teve um contato com o Banco Mundial, na tarde de ontem. Ao final do almoço, repetiu para os jornalistas que "o staff do banco resiste à idéia de dar as garantias" que os credores estão querendo para uma parcela do dinheiro novo do pacote de 5 bilhões e 800 milhões de dólares, a ser fechado até junho. **Moisés Rabinovici, de Caracas**